

## Hábitos de prevenção e controle das zoonoses realizados pelos tutores de cães e gatos no Município de Ribeirão Preto – SP.

**Autores: Rafaella Cione Cristino de Góes Gabarra<sup>1</sup>, Paula Christine Bonadio Rezende<sup>2</sup>**

**Colaboradora: Ketheling Leandra de Andrade Murari<sup>3</sup>**

**1,2,3 Centro Universitário Barão de Mauá**

*<sup>1</sup>rafa\_cione@hotmail.com (Medicina Veterinária) <sup>2</sup>paula.rezende@baraodemaua.br*

### Resumo

A aproximação entre homens e animais domésticos tem sido cada vez mais nítida e com isso as doenças zoonóticas se tornam mais relevantes na saúde pública. O presente estudo teve como objetivo avaliar o conhecimento dos tutores de cães e gatos, que residem em Ribeirão Preto, SP, acerca do assunto “zoonoses e suas formas de prevenção”. Os dados obtidos reforçam a necessidade da implantação de ações que visem uma conscientização mais maciça da população.

### Introdução

#### Definição

As doenças transmitidas entre os animais vertebrados e os seres humanos são chamadas de zoonoses. Os animais domésticos, principalmente os cães e gatos, estão cada vez mais próximos dos seres humanos e seu tratamento no Brasil nunca foi tão humanizado. Antigamente viviam apenas no quintal de suas casas, hoje dormem na cama dos seus tutores e sofrem de doenças que também acometem os seres humanos, muitos são tratados como filhos e ganham até festas de aniversário. Em meio a tanta preocupação e proximidade do ser humano com os animais de estimação, é preciso ter consciência das doenças que eles podem transmitir se não forem cuidados da maneira adequada. Entender a percepção da população sobre os riscos de enfermidades zoonóticas, configura-se, como uma ferramenta de grande valia para o planejamento e a organização de ações que busquem melhorias na qualidade de vida humana e animal. Tais ações dependem, sobretudo do conhecimento da população (SILVA; FRANZINI; SCHERMA, 2016).

#### Importância

Segundo Silva, Franzini e Scherma (2016), a interação entre seres humanos e animais é algo de suma importância para saúde pública, é atribuído que uma gama de doenças relacionadas aos animais possa ser transmitida aos seres humanos.

Em muitas zoonoses os animais domésticos atuam como reservatórios da infecção podendo ser portadores sintomáticos ou assintomáticos. Esses animais desempenham função essencial para a manutenção de muitas destas infecções na natureza, sendo o homem um hospedeiro acidental. Se não controladas e prevenidas, as zoonoses podem se transformar em uma ameaça para saúde pública. Em 2016 o Ministério da Saúde do Brasil lançou o “Manual de vigilância, prevenção e controle de zoonoses: normas técnicas e operacionais” (MANTILLA, 2017). De acordo com este manual, as zoonoses de maior relevância para a saúde pública no Brasil são: raiva, leishmaniose, toxoplasmose, leptospirose, febre maculosa e outras doenças de transmissão vetorial que apresentam aspectos epidemiológicos e formas de controle diferentes entre si.

#### Justificativa

Mesmo com os avanços verificados no controle das doenças zoonóticas, a incidência destas permanece alta em todos os países em desenvolvimento (KIMURA, 2002). Além disso, o crescimento demográfico, as condições socioeconômicas, bem como as alterações climáticas e geográficas ocorridas em diversos ecossistemas, vêm modificando consideravelmente o padrão de doenças endêmicas, contribuindo para a emergência de agentes patogênicos aos animais domésticos e também aos seres humanos (SILVA; FRANZINI; SCHERMA, 2016). O tipo de formação recebida pelo médico-veterinário está em harmonia com o conceito de saúde única, que considera todos os fatores que determinam saúde coletiva, sem limitar-se às necessidades do indivíduo. Sendo assim, é de responsabilidade do médico-veterinário, como profissional da saúde, informar tutores protegendo a população contra enfermidades coletivas (FRIAS et al., 2009).

#### Objetivos

O presente estudo teve como objetivo avaliar o conhecimento dos tutores de cães e gatos sobre

zoonoses e suas formas de controle e prevenção. Além de determinar se estes tutores adotam as práticas regulares para controle e prevenção destas doenças e com qual frequência. Também se buscou desenvolver metodologia, por meio de pesquisas e obtenção de dados, para o uso destes em conscientizar a população sobre a importância do assunto em questão.

## Materiais e Métodos

Foram definidas através de revisão bibliográfica as zoonoses de cães e gatos mais relevantes no Brasil e as estratégias de prevenção e controle destas. Após esta revisão, um questionário foi elaborado a fim de consultar os tutores de cães e gatos para avaliar seus conhecimentos acerca do que são e quais são as doenças zoonóticas existentes e como eles realizam medidas de prevenção para estas. Foi escolhido o município de Ribeirão Preto, SP, como área a ser realizada a pesquisa por ser a região onde residem os pesquisadores. O questionário e um Termo de Consentimento Livre Esclarecido foram elaborados pelos próprios autores do projeto em arquivo digital e foram distribuídos on-line. Para isto, foi utilizada uma plataforma de acesso gratuito criado para esta finalidade. O critério de inclusão dos sujeitos participantes da pesquisa ocorreu de acordo com o alcance da distribuição dos questionários, sendo considerados somente os devolvidos por moradores do município de Ribeirão Preto, SP, que possuíam cães e gatos. A partir das informações obtidas, uma análise dos resultados foi realizada com base na literatura com o objetivo de evidenciar falhas e inadequações na aplicação de medidas para prevenção e controle das zoonoses realizadas pelos participantes da pesquisa. Estes dados foram utilizados para determinar formas de suprir estas falhas detectadas e conscientizar a população. Este projeto foi inserido na Plataforma Brasil e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Barão de Mauá - número do parecer 4.211.291.

## Resultados e Discussão

Foram coletadas as respostas de cento e doze participantes da pesquisa, mas como antes mencionado foram consideradas apenas as respostas obtidas por residentes de Ribeirão Preto - SP que eram tutores de cães e gatos. Sendo assim, trinta e dois dos questionários respondidos foram desconsiderados e oitenta tiveram suas respostas computadas.

## Definição de zoonoses

Uma das questões aplicadas aos participantes da pesquisa solicitava saber se estes conheciam o termo zoonoses. A maioria dos tutores (57,5%) afirmou conhecer o termo, mas quando foram indagados para descrever o que são zoonoses (Tabela 1), notou-se que muitos estavam equivocados. A Organização Mundial da Saúde (OMS) define as zoonoses como “doenças ou infecções naturalmente transmissíveis entre animais vertebrados e seres humanos” (OMS, 2016). De acordo com esta definição, apenas 13,75% dos proprietários responderam a definição esperada para a pergunta e ainda 21,25% não responderam à questão.

**Tabela 1. Respostas obtidas, acerca do que os tutores de cães e gatos que participaram da pesquisa entendem por zoonoses, em Ribeirão Preto – SP, no período de 13/08/2020 a 05/10/2020.**

Respostas	Total	Percentual (%)
Não informaram	17	21,3
Centro de controle de animais e prevenção de doenças	16	20,0
Doenças transmitidas dos animais para os seres humanos	16	20,0
Doenças transmitidas entre animais e/ou humanos	11	13,8
Doenças transmitidas pelos animais em geral (mosquitos, ratos, vermes, protozoários, animais selvagens e domésticos).	9	11,3
Doenças infecciosas	3	3,8
Doenças dos animais	3	3,8
Doenças que acometem animais e humanos	3	3,8
Doenças infecciosas que podem ser transmitidas	1	1,3
Doenças transmitidas entre os animais	1	1,3
<b>Total</b>	<b>80</b>	<b>100</b>

Fonte: dados de pesquisa do autor, 2020.

## Zoonoses existentes

Quando questionados acerca de quais zoonoses conhecem (Tabela 2), a maioria dos participantes citou a raiva, que foi a zoonose que mais

demonstrou ser conhecida pelos tutores durante toda a pesquisa. Essa informação pode ser atribuída às campanhas de vacinação oferecidas pela prefeitura onde muitos são informados sobre a doença (SILVA; FRANZINI; SCHERMA, 2016).

Alguns tutores citaram “bactérias e fungos”, “verminoses”, “sarna” e Doença de Lyme. Tal informação aponta para o desconhecimento, por parte de alguns participantes da pesquisa, a respeito de quais doenças são consideradas zoonoses, visto que, a única sarna transmitida aos seres humanos, dentre as diversas existentes, é a sarna sarcóptica (DINIZ, 2015). Além disso, nem todas “bactérias e fungos” e “verminoses” são zoonóticos ou causam doenças com potencial zoonótico. Por sua vez, a Doença de Lyme embora seja considerada uma zoonose, não existe no Brasil (YOSHINARI et al., 2010).

Os tutores também relataram pneumonia, traqueíte, irritação nos olhos, parvovirose, cinomose, “doença do carrapato” e cardiomiopatias. Não existe evidência definitiva da infecção obtida naturalmente pelo vírus da cinomose canina em seres humanos, apesar da infecção experimental assintomática já ter sido descrita (MARTINS; LOPES; FRANÇA, 2009). Além disso, pneumonia, traqueíte, irritação nos olhos e cardiomiopatias são condições patológicas e não doenças infecciosas específicas, estas podem ter diversas etiologias e possuir ou não um agente infeccioso envolvido, este último ainda pode ser ou não zoonótico e, portanto, não são referidas como zoonoses. Para uma doença ser considerada zoonótica ela precisa ser causada por um agente infeccioso específico (MOYA et al. 2010). Existem inúmeras espécies de carrapatos que transmitem diversas doenças e nem todas possuem potencial zoonótico (RISTOW, 2015). Alguns estudos apontam que há evidência sorológica da ocorrência da erliquiose (doença transmitida pela picada do carrapato mais conhecida popularmente) em humanos no Brasil, entretanto, seu agente etiológico ainda não foi identificado (VIEIRA et al., 2011). Por fim, também já se obteve relato da parvovirose em humanos fora do Brasil, no entanto estes casos não são frequentes. De acordo com Angelo et al. (2009), o parvovírus canino responsável por gastroenterite aguda nos cães parece estar limitado somente aos canídeos e a parvovirose humana aparentemente combina com outros adenovirus causando infecções mais voltadas para o trato respiratório superior e olhos.

A dengue é uma arbovirose (doença causada por um arbovírus - vírus transmitidos pela picada de artrópodes hematófagos, no caso o *Aedes aegypti*) classificada pelo Ministério da Saúde como uma

zoonose de Notificação Obrigatória (BRASIL, 2020). A mesma não afeta como doenças os animais domésticos e também não é transmitida diretamente através destes, por isso, ela não teve tanta relevância neste estudo. Essa informação aponta para falta de conhecimento, por parte de alguns tutores, a respeito de quais espécies de animais atuam como fonte de infecção para cada doença zoonótica.

**Tabela 2. Respostas obtidas, acerca de quais zoonoses são as mais conhecidas, pelos tutores de cães e gatos que participaram da pesquisa e residem em Ribeirão Preto – SP, no período de 13/08/2020 a 05/10/2020.**

Respostas	Total	Percentual (%)
Raiva	32	24,4
Toxoplasmose	19	14,5
Não souberam informar	14	10,7
Leptospirose	11	8,4
Leishmaniose	11	8,4
Centro de Zoonoses de Ribeirão ou outra Cidade	8	6,1
Febre Amarela	5	3,8
Giardiase	5	3,8
Tuberculose	4	3,1
Dengue, Zika e Chicungunha	3	2,3
Febre Maculosa	3	2,3
Malária	3	2,3
Chagas	2	1,5
Hantavirose	2	1,5
Sarna	2	1,5
Brucelose	2	1,5
Bactérias e Fungos	1	0,8
Doença de Lyme	1	0,8
Verminoses	1	0,8
Larva migrans Cutânea (Bicho Geográfico)	1	0,8
Complexo Teníase-Cisticercose	1	0,8
<b>Total</b>	<b>131</b>	<b>100</b>

Fonte: dados de pesquisa do autor, 2020.

### Medidas preventivas das zoonoses

No questionário foi pedido para os respondentes determinarem se conheciam as medidas preventivas das doenças nos animais e se as utilizavam (Tabelas 3 e 4). As respostas obtidas mostraram que alguns tutores que disseram não conhecer medidas para prevenção das doenças em seus animais, ao mesmo tempo afirmaram realizá-las. Outros tutores disseram não utilizar medidas de controle, mas vacinam seus animais. Estes, provavelmente, não reconhecem a vacinação como uma medida preventiva.

**Tabela 3. Respostas obtidas, acerca do conhecimento sobre medidas de prevenção das doenças em animais, pelos tutores de cães e gatos que participaram da pesquisa e residem em Ribeirão Preto – SP, no período de 13/08/2020 a 05/10/2020.**

Respostas	Total	Percentual (%)
Pessoas que disseram conhecer as medidas de prevenção das doenças em animais	52	65,0
Pessoas que disseram não conhecer as medidas de prevenção das doenças em animais	28	35,0
<b>Total</b>	<b>80</b>	<b>100</b>

Fonte: dados de pesquisa do autor, 2020.

**Tabela 4. Respostas obtidas, acerca da realização de medidas de prevenção das doenças em animais, pelos tutores de cães e gatos que participaram da pesquisa e residem em Ribeirão Preto – SP, no período de 13/08/2020 a 05/10/2020.**

Respostas	Total	Percentual (%)
Pessoas que disseram realizar medidas de prevenção para doenças em animais	64	80,0
Pessoas que disseram não realizar medidas de prevenção para doenças em animais	9	11,3
Pessoas que não sabem se realizam medidas para prevenção das doenças em animais	7	8,8
<b>Total</b>	<b>80</b>	<b>100</b>

Fonte: dados de pesquisa do autor, 2020.

### Vacinação

As duas vacinas indispensáveis para manutenção da saúde básica dos cães e gatos, até mesmo dos seres humanos, são a polivalente (V10 ou V8 nos cães e V5, V4 ou V3 nos gatos) e a antirrábica. Nesse estudo, a maioria dos tutores, ao serem interrogados, demonstrou conhecer e utilizar estas vacinas (Tabela 5). A vacina contra leishmaniose é recomendada principalmente em áreas endêmicas para a doença e as vacinas contra gripe e giardíase podem ser consideradas opcionais de acordo com o critério do médico veterinário. Reforçando estes dados, de acordo com o trabalho publicado por Vasconcelos (2011), para os gatos consideram-se essenciais as vacinas contra: raiva felina, panleucopenia felina, herpesvirus felino (rinotraqueíte infecciosa felina) e calicivirus felino; e para os cães são essenciais as vacinas contra: raiva canina, cinomose canina, parvovirose canina e hepatite infecciosa canina.

**Tabela 5. Respostas obtidas, sobre as vacinas mais realizadas pelos tutores de cães e gatos que participaram da pesquisa e residem em Ribeirão Preto – SP, no período de 13/08/2020 a 05/10/2020.**

Vacinas	Total	Percentual (%)
Antirrábica	69	29,5
Indicada pelo Médico Veterinário	56	24,0
Polivalente (Múltipla)	45	19,2
Gripe	20	8,5
Giárdia	19	8,1
Leishmaniose	19	8,1
Indicada por outra pessoa	5	2,1
Nenhuma	1	0,4
<b>Total</b>	<b>234</b>	<b>100</b>

Fonte: dados de pesquisa do autor, 2020.

Quando questionados a respeito da frequência de realização das vacinas, a maioria dos tutores (62,5%) disse aplicá-las anualmente e poucos (3,75%) de seis em seis meses. Se for considerada a aplicação da vacina polivalente no mesmo dia que a antirrábica, essas vacinas podem ser administradas de forma anual. Por outro lado, elas também podem ser aplicadas de forma intercalada, sendo uma, seis meses após a outra. Nesse caso, a vacinação semestral também é considerada adequada. Segundo Monteiro et al. (2020), o hábito de revacinação anual ainda pode possuir vantagens como a visita do animal ao veterinário,

principalmente se considerarmos o baixo nível cultural-econômico do brasileiro. Um participante relatou ter vacinado seu animal apenas quando o mesmo era jovem, outro ainda, que aplicou uma única vez durante toda a vida do animal. Observando estas respostas, é possível notar que estes tutores não estão conferindo correta imunização aos seus cães e gatos, pois uma única dose das vacinas não é capaz de estimular o sistema imune garantindo memória e produção eficiente de anticorpos (VASCONCELOS, 2011). Alguns tutores (3,75%) relataram vacinar seus animais apenas nas campanhas de vacinação oferecidas pela prefeitura. O grande problema nesta situação é que a única vacina oferecida nestas campanhas é a antirrábica, sendo responsabilidade do tutor ainda vacinar seu animal em uma clínica particular com as outras vacinas necessárias. Uma última pessoa afirmou vacinar seus animais a cada três meses (trimestral), essa informação pode ter sido passada de forma equivocada pelo participante, pois aplicações tão próximas não são recomendadas podendo trazer até conseqüências para saúde do animal.

#### Controle de endo e ectoparasitas

A Tabela 6 mostra a quantidade de participantes que, ao serem questionados, relataram fazer uso de medidas preventivas para controle de ecto e endoparasitas. A frequência de realização destas medidas é um fator importante a se destacar, porém muitos participantes não disponibilizaram esta informação. De acordo com Ristow (2015), cerca de 95% das pulgas (inseto) e carrapatos (ácaro) estão presentes no ambiente em forma de ovos e outros estágios imaturos. Por este motivo o controle ambiental deve ser realizado através da higienização local e da aplicação de antiparasitários próprios nas casinhas dos cães, frestas, paredes, pisos e ralos. O processo deve ser repetido em 15 dias e realizado de duas a quatro vezes no ano de acordo com a infestação do ambiente. Alternar os produtos dificulta o desenvolvimento de resistência por parte do parasita (RISTOW, 2015). No animal o uso de coleiras repelentes tem se mostrado muito eficiente tanto para o controle de pulgas e carrapatos quanto para o controle do mosquito transmissor da leishmaniose. Uma pesquisa realizada pela Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (FMVZ) da USP mostrou que a eficácia da coleira ultrapassou a da vacina e da eutanásia no controle da leishmaniose (SEVÁ, 2016). Outras medidas para o controle de moscas e pernilongos incluem não acumular entulhos, não deixar água parada, telar janelas, fazer uso de repelentes.

Resultados obtidos por Langoni et al. (2011) descrevem que grande parte dos tutores considera que seja importante a prática de vermifugação em seus animais de estimação. Este mesmo autor sugere que grande parte destes tutores possui fácil acesso aos anti-helmínticos, baixo custo e comercialização em casas agropecuárias e pet shops, que normalmente estão localizados próximos aos domicílios. Por outro lado, outros autores enfatizam os riscos da administração de doses inadequadas vindo a ocasionar quadros de intoxicações quando os animais são medicados por seus proprietários, é possível ainda, que ocorra um controle insuficiente da carga parasitária, devido a programas não periódicos (SILVA; FRANZINI; SCHERMA, 2016). Por este motivo, o controle das helmintoses deve sempre ser feito na presença do médico veterinário.

**Tabela 6. Respostas obtidas, sobre o controle de pulgas, carrapatos, helmintoses, pernilongos e moscas, realizados pelos tutores de cães e gatos que participaram da pesquisa e residem em Ribeirão Preto – SP, no período de 13/08/2020 a 05/10/2020.**

Respostas	Total	Percentual (%)
Pessoas que disseram realizar controle de Pulgas e Carrapatos	69	40,3
Pessoas que disseram realizar controle de Helmintoses	62	36,2
Pessoas que disseram realizar controle de Pernilongos e Moscas	38	22,2
Pessoas que disseram não realizar nenhum controle	2	1,2
<b>Total</b>	<b>171</b>	<b>100</b>

Fonte: dados de pesquisa do autor, 2020.

#### Controle de roedores

Segundo Grings et al. (2006), apenas três espécies de roedores apresentam relação com o homem, sendo elas, a ratazana, o rato do telhado e o camundongo. Estes são responsáveis pela transmissão de várias doenças zoonóticas como a leptospirose, peste, tifo murino, febre da mordedura e triquinelose. Por este e outros motivos, se faz indispensável a utilização de medidas que previnam a proximidade dos roedores com os seres humanos e os animais domésticos. De acordo com os tutores interpelados (Tabela 7), a maioria destes afirmou realizar pelo menos uma das formas existentes

para o controle de pragas. Métodos como “matar o rato com baldes e vassouras” e “uso de telas” foram citados por alguns participantes, mas o uso destes não é recomendado. Para um controle eficiente três medidas devem ser associadas. Primeiro a identificação da espécie do roedor a ser eliminada, pois estes possuem hábitos diferentes entre si. Em segundo, a realização de medidas de anti-ratização que visam dificultar o acesso, instalação e proliferação dos ratos eliminando suas fontes de alimento, abrigo e água. Por fim, a desratização ou eliminação física dos roedores. Devido a maior segurança e eficácia o método de desratização mais usado é o químico por meio da utilização de raticidas de ação crônica. Os raticidas de ação aguda como estricnina, arsênico e sulfato de tálio têm seu uso proibido atualmente (GRINGS et al., 2006).

**Tabela 7. Respostas obtidas, acerca do controle da presença de roedores, realizados pelos tutores de cães e gatos que participaram da pesquisa e residem em Ribeirão Preto – SP, no período de 13/08/2020 a 05/10/2020.**

Respostas	Total	Percentual (%)
Pessoas que disseram proteger os alimentos dos cães e gatos	42,0	42,4
Pessoas que disseram não realizar controle	26,0	26,3
Pessoas que disseram fazer uso de raticidas	21,0	21,2
Pessoas que disseram utilizar outros métodos	9,0	9,1
Pessoas que disseram fazer uso de ratoeiras	1,0	1,0
<b>Total</b>	<b>99</b>	<b>100</b>

Fonte: dados de pesquisa do autor, 2020.

### Dejetos e seus destinos

As fezes de cães não recolhidas contaminam áreas públicas constituindo um problema de Saúde Pública, devido à possibilidade de transmissão de zoonoses bacterianas (*Campylobacter*, *Salmonella*, *Yersinia*, *Escherichia coli*) e parasitárias como a Larva Migrans cutânea e Larva Migrans visceral (COSTA, 2019). No presente estudo a maioria dos tutores disse recolher os dejetos de seus animais em vias públicas (Tabela 8). Quando questionados a respeito do descarte dado a estes dejetos (Tabela 9), o lixo comum foi o mais utilizado pela maioria dos tutores. O descarte dos dejetos no lixo comum

causa sérios prejuízos à sociedade, pois as fezes disseminam doenças, poluem o ar, solo e os recursos hídricos. Os aterros sanitários já estão saturados e o aumento da geração de resíduos só agrava essa situação, gerando uma série de impactos ambientais e o aparecimento de vetores transmissores de doenças. Quanto ao descarte dos dejetos em vasos sanitários, essa pode ser uma boa opção utilizada pelos tutores, uma vez que é por onde os dejetos humanos também são descartados, sua desvantagem se dá no gasto excessivo de água. Considerado que os lixos orgânicos recolhidos são depositados em aterros sanitários e que a água proveniente das descargas de vasos sanitários coletada via rede de esgotos receberá tratamento, o melhor tipo de descarte das fezes de cães domésticos, do ponto de vista ambiental, seria o vaso sanitário (COSTA, 2019). Alguns tutores relataram enterrar as fezes de seus animais no quintal, este método não é recomendado pela possível contaminação dos lençóis freáticos.

**Tabela 8. Respostas obtidas, acerca da ação de recolher os dejetos dos animais em vias públicas, pelos tutores de cães e gatos que participaram da pesquisa e residem em Ribeirão Preto – SP, no período de 13/08/2020 a 05/10/2020.**

Respostas	Total	Percentual (%)
Pessoas que disseram recolher os dejetos em vias públicas	63	78,8
Pessoas que disseram não recolher os dejetos em vias públicas	17	21,3
<b>Total</b>	<b>80</b>	<b>100</b>

Fonte: dados de pesquisa do autor, 2020.

**Tabela 9. Respostas obtidas, acerca do destino dado aos dejetos dos animais, cujos tutores de cães e gatos participaram da pesquisa e residem em Ribeirão Preto – SP, no período de 13/08/2020 a 05/10/2020.**

Destinos	Total	Percentual (%)
Lixo comum	55	68,8
Vaso sanitário	22	27,5
Terreno baldio	2	2,5
Lixo reciclável	1	1,3
<b>Total</b>	<b>80</b>	<b>100</b>

Fonte: dados de pesquisa do autor, 2020.

### **Grau de escolaridade dos participantes**

No presente estudo, 46,4% dos participantes da pesquisa disseram possuir o terceiro grau completo, 33% o segundo grau completo, 17% tinham pós-graduação e apenas 3,6% só tinham o primeiro grau completo. O alto grau de escolaridade da maioria dos tutores pode ter contribuído para obtenção de respostas mais assertivas. De acordo com Silva, Franzini e Scherma (2016), a educação em saúde é praticada em diversos momentos da formação estudantil e isso reflete no controle epidemiológico de várias doenças, com isso, a limitação gerada pela ausência ou pela baixa escolaridade parece refletir na prática preventiva.

### **CONCLUSÃO**

Mediante os resultados obtidos a partir da aplicação do questionário, da revisão da literatura e da comparação destes com a realidade da população, notou-se que mesmo com o alto grau de escolaridade conferido pela maioria dos participantes é nítida a falta de conhecimento destes com relação a vários aspectos do tema proposto.

Foi possível determinar que a maioria dos tutores teve dificuldade em conceituar o termo zoonoses e muitos não souberam distinguir as doenças consideradas zoonóticas das não zoonóticas. Também foram evidenciadas falhas na realização de vários métodos preventivos. Acredita-se que estes tutores conheçam as medidas de controle existentes, mas desconhecem sua real importância na saúde não só dos cães e gatos, mas também dos seres humanos e do meio ambiente (Saúde Única) e por isso não dão a devida atenção para o assunto.

Os dados obtidos reforçam a necessidade da implantação de ações que visem uma melhor conscientização da população sobre o assunto em questão. Uma alternativa seria abordar o assunto em projetos, desenvolver atividades educacionais como palestras em escolas, campanhas sanitárias mais consolidadas e distribuição de materiais informativos como o proposto pelo presente estudo.

### **REFERÊNCIAS**

ANGELO, G. et al. **Parvovirose canina - revisão de literatura.** Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária. Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia de Garça – FAMED e Editora FAEF, Garça - SP, Ano VII, Edic 12, Rev 117, jan. 2009. Semestral. Disponível em: [http://faef.revista.inf.br/imagens\\_arquivos/arquivos\\_destaque/aS7jms0pQR8BMrS\\_2013-6-21-12-5-2.pdf](http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/aS7jms0pQR8BMrS_2013-6-21-12-5-2.pdf). Acesso em: 14 mar. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **PORTARIA Nº 264, DE 17 DE FEVEREIRO DE 2020.** Lista Nacional de Notificação Compulsória de Doenças, Agravos e Eventos de Saúde Pública. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-264-de-17-de-fevereiro-de-2020-244043656>. Acesso em 03 de março de 2021.

COSTA, M. F. da. **Estudo do destino e impacto ambiental das fezes de cães domésticos.** 39 f. TCC (Graduação) - Curso de Curso de Zootecnia - Universidade Federal de Santa Catarina Centro de Ciências Agrárias, Florianópolis, 2019.

DINIZ, M.C. **Sarna em cães e gatos:** Ourofino Saúde Animal. 2015. Disponível em: <https://www.ourofino.saudeanimal.com/ourofinoemcampo/categoria/artigos/ja-ouviu-falar-de-sarna-em-caes-gatos-parte-iii/>. Acesso em: 26 fev. 2021.

FRIAS, R. B. de et al. **A importância do médico veterinário na saúde pública:** Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária - Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia de Garça: Editora Faef, v. 12, p. 1-5, 2009.

GRINGS, V. H. et al. **Controle integrado de ratos.** EMBRAPA: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Novembro de 2006. Disponível em: [http://www.cnpsa.embrapa.br/sgc/sgc\\_publicacoes/publicacao\\_c6g65n3m.pdf](http://www.cnpsa.embrapa.br/sgc/sgc_publicacoes/publicacao_c6g65n3m.pdf). Acesso em: 12 mar. 2021.

KIMURA, L. M. S. **Principais zoonoses.** Scielo Books, Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, p.201-209, 2002.

LANGONI, H. et al. **Conhecimento da população de Botucatu- SP sobre guarda responsável de cães e gatos.** Veterinária e Zootecnia, v. 18, n. 2, p. 297-305, 2011.

MANTILLA, S. P. S. **Zoonoses: raiva e leishmaniose.** 2017. Disponível em: <https://www.infoescola.com/doencas/zoonoses>. Acesso em: 05 de novembro de 2020.

MARTINS, D.B.; LOPES, S. T. A.; FRANÇA, R. T. **Cinomose canina: revisão de literatura.** Departamento de Clínica de Pequenos Animais e Laboratório de Patologia Clínica Veterinária - Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS, Acta Veterinária Brasília, v.3, n.2, p.68-76, 2009.

MONTEIRO, E. M. M. et al. **Estratégia vacinal felina: prevenção ou mercantilismo?**. PUBVET: Medicina Veterinária e Zootecnia, Belém - PA - Brasil, v. 14, n. 7, p. 1-7, jul. 2020. Editora MV Valero. Disponível em: DOI: 10.31533/pubvet.v14n7a608.1-7. Acesso em: 03 jun. 2021.

MOYA, J. et al. **Módulos de princípios de epidemiologia para o controle de enfermidades**. Módulo 2: Saúde e doença na população / Organização Pan-Americana da Saúde. Brasília. Ministério da Saúde, 2010. 48 p.: il. 7 volumes.

OMS – Organização Mundial da Saúde. **Zoonoses**. 2016. Disponível em: <http://www.who.int/topics/zoonoses/en/>. Acesso em 18 de fevereiro de 2021.

RISTOW, L. E. **Ectoparasitas em pequenos animais: controle e diagnóstico**. Jornada do conhecimento da TECSA laboratórios. 2015. Disponível em: <http://www.tecsa.com.br/assets/pdfs/Ectoparasitas%20em%20Pequenos%20Animais%20Controle%20e%20Diagnostico.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2021.

SEVÁ, A. P. **Coleira antileishmaniose é método mais eficaz para controle da doença em cães**. Jornal da USP: Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia - FMVZ. 2016. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-da-saude/>

coleira-anti-leishmaniose-e-metodo-mais-eficaz-para-controle-da-doenca-em-caes/. Acesso em: 03 mar. 2021.

SILVA, T. M.; FRANZINI, C.; SCHERMA, M. R. **Percepção da População Sobre Zoonoses e seu Controle na Área Urbana**. Centro Universitário Anhanguera-Leme-Sp., São Paulo. Acta Veterinária Brasileira, v.10, n.2, p.116-122, 2016.

VASCONCELOS, A. V. **Imunização em cães e gatos: tendências atuais**. Escola de veterinária da ufmg. 35 f. Monografia (Especialização) - Curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

VIEIRA, R. F. da C. et al. **Ehrlichiosis in Brazil**. Revista Brasileira de Parasitologia Veterinária, Jaboticabal, v. 20, n. 1, p. 1-12, 2011, jan.-mar. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbvp/v20n1/a02v20n1.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2021.

YOSHINARI, N.H. et al. **Doença de lyme-símile brasileira ou síndrome baggio- yoshinari: zoonose exótica e emergente transmitida por carrapatos**. Trabalho realizado no laboratório de Investigação em Reumatologia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo: Rev Assoc Med Bras, São Paulo, v. 3, n. 56, p. 363-369, 11 mar. 2010.